

Representações do Envelhecer na Sociedade Contemporânea: baile conviver com alegria como forma de ressignificação de vida na cidade de Jaguarão (RS)

*Representations of Aging in Contemporary Society: baile to live with joy
as a form of ressignification of life in the city of Jaguarão (RS)*

*Representaciones del Envejecer en la Sociedad Contemporanea: baile
convivir con alegría como forma de ressignifique de vida en la ciudad de
Jaguarão (RS)*

Cintia Pacheco Terra Pereira¹

Resumo

O envelhecer não possui uma definição adequada e concisa, sendo que esta expressão é avaliada como algo positivo ou negativo pelo indivíduo que chega a essa fase da vida. Portanto, este trabalho tem por objetivo analisar as representações do envelhecer de um grupo social da terceira idade que frequenta uma atividade sociocultural, o baile Melhor Idade conviver com Alegria, na cidade de Jaguarão-RS. A metodologia consiste em uma pesquisa etnográfica qualitativa semi-estruturada realizada com 03 idosos participantes da atividade o baile. Os discursos dos idosos relatam que o baile é de grande importância em suas vidas, não tem como pensar em suas rotinas sem a participação dessa atividade, que os trazem alegria, felicidade e companheirismo com o próximo. Conclui-se que essa atividade cultural, o “baile” objeto de nosso estudo, engendra valor social na vida desses indivíduos e conseqüentemente promove um debate acerca da qualidade de vida.

Palavras-Chave: Atividade Cultural, Idosos, Envelhecer, Baile.

Abstract

The age does not have an adequate and concise definition, and this expression is evaluated as positive or negative for the individual who reaches this stage of life. Therefore, this paper aims to examine the representations of age of a social group of seniors who attends a socio-cultural activity, the prom Golden Age live with joy in the city of Jaguarão-RS. The methodology consists of a semi-structured qualitative ethnographic research conducted with 03 elderly participants of the activity prom. The speeches of the elderly report that the prom is of great importance in their lives, have no way to think about their routines without the participation of this activity, which bring joy, happiness and companionship with others. It is concluded that this cultural activity, the "ball" object of our study, engenders social value in the lives of individuals and consequently promotes a debate about the quality of life.

Keywords: Cultural Activity, Seniors, Aging, Ball.

Resumen

El envejecimiento no posee una definición adecuada y concisa, siendo que esta expresión es evaluada como algo positivo o negativo por el individuo que llega a esa fase de la vida. Por lo tanto, este trabajo tiene por objetivo analizar las representaciones del envejecimiento de un grupo social de la tercera edad que frecuenta una actividad sociocultural, el baile Mejor Edad convivir con Alegría, en la ciudad de Jaguarão-RS. La metodología

¹ Bacharela em Produção e Política Cultural, UNIPAMPA, Contato:cintia.p.terra@gmail.com

consiste en una investigación etnográfica cualitativa semi-estructurada realizada con 3 ancianos participantes de la actividad el baile. Los discursos de los ancianos relatan que el baile es de gran importancia en sus vidas, no tiene como pensar en sus rutinas sin la participación de esa actividad, que les traen alegría, felicidad y compañerismo con el prójimo. Se concluye que esa actividad cultural, el "baile" objeto de nuestro estudio, engendra valor social en la vida de esos individuos y consecuentemente promueve un debate acerca de la calidad de vida.

Palabras clave: Actividad Cultural, Ancianos, Envejecimiento, Baile.

1. Introdução

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), nos últimos 20 anos, as taxas de crescimento de idosos no Brasil vem crescendo progressivamente. Como causas deste aumento do número de idosos, podemos apontar a melhoria da qualidade de vida desses indivíduos, até mesmo por possuem novas prioridades, como a própria independência. Além disso, o acréscimo da população senil está relacionado ao baixo índice de crescimento populacional ligado às menores taxas de natalidade e fecundidade. Com isso, houve uma habituação dos direitos dos idosos, com a realização de conferências para debater seus direitos, a criação de leis e a elaboração e publicação do Estatuto do Idoso em 2003, que regulamenta os direitos das pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Contudo, mesmo havendo o aumento desta população senil, esta não tem um aporte necessário, não sendo consideradas pertencentes a um grupo social. 2 Mesmo assim, a sociedade moderna com o desenvolvimento do capitalismo excludente, não define de forma esclarecedora o termo velhice, ela originalmente é concebida como um estado de decadência, de inércia e de senilidade, que o sujeito de idade avançada vivenciará. Dessa forma, o envelhecer torna-se uma experiência negativa e pejorativa de um ser improdutivo em nossa sociedade capitalista. Esta visão segregadora diz respeito a um ser sem função ou influência na sociedade, pessoas que não possuem mais objetivos e podem ser isoladas do convívio cultural, pois eles já estão no final de suas vidas. Essa visão da velhice improdutiva contraria a visão popular na qual o conceito de velhice pode ser visto como a melhor idade, na qual esse sujeito idoso pode desfrutar de todos os bens acumulados durante a vida “ativa/produtiva”. Portanto, abordar o envelhecer é debater sobre mudanças socioculturais que os idosos enfrentam, porque eles são pessoas que ainda possuem uma vida ativa/produtiva, eles se beneficiam de sua existência, não são seres isolados, pois ainda fazem parte do contexto social. Assim, essa passagem de ciclo que sofre o sujeito de idade avançada é algo natural, que transforma a sua identidade, e sua forma de se relacionar com a existência e com o mundo social e cultural. Com isso, a identidade como a representação do “eu”, da personalidade, nos difere culturalmente do

“outro”, ela possibilita uma visão do mundo mais própria e até mesmo caracteriza os indivíduos como seres sociáveis.

Pois se assimilarmos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com outros. (POLLAK, 1992, p.204)

Com isso, o ser considerado idoso, passa por toda essa ruptura identitária, tudo que antes era considerado apropriado para si, não será mais. A sociedade lhe forçará a trilhar outros caminhos, mesmo que esses não sejam os desejados, fazendo com que esse sujeito carregue o estigma de um ser culturalmente desprovido de utilidade. A partir disso, nosso estudo acerca da relação da experiência do envelhecimento com uma atividade sociocultural como o baile da terceira idade na cidade de Jaguarão, se percebe que a participação nesta atividade restabelece os vínculos sociais e culturais, possibilitando aos integrantes dessa atividade, outras perspectivas e novos estilos de vida para aqueles que antes eram considerados desprovidos de uma identidade mais ativa e mais participativa com o entorno social em que viviam. Com isso, esses idosos têm uma visão mais abrangente, ou seja, fora de sua zona de conforto, fora de uma perspectiva negativa do envelhecer, desta forma começam a desenvolver um novo olhar para a questão do envelhecer e um novo olhar para si mesmos. Portanto, nosso estudo busca compreender as representações do envelhecer de um grupo social da terceira idade que frequenta uma atividade sociocultural, o Baile Melhor Idade conviver com Alegria, na cidade de Jaguarão-RS, e conhecer a biografia de 03 (três) idosos que serão o estudo de caso deste trabalho) suas frequentações, as narrativas do envelhecer para esses idosos a partir do baile da terceira idade na cidade de Jaguarão; assim como, analisar o impacto desta atividade cultural, o baile, no estilo de vida desses atores sociais.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA

Os indivíduos por vários motivos, desde enfermidades a condições de vida sub-humana, o ciclo de vida dos indivíduos sociais não atingia a fase da velhice. Esse quadro começou a modificar-se no final do século XX, pois atingir essa fase é uma “inovação” contemporânea, e tem causado um frenesi nos pensamentos das pessoas acerca deste assunto, que em muitas ocasiões o consideram através de uma ótica de oposição. Como ressaltam

VELOZ; SCHULZE; CAMARGO (1999), esse fato para alguns é considerado como um progresso, sendo visto como um privilégio para poucos. Estas prerrogativas e as alterações populacionais não são satisfatórias para a sociedade, que considera esse fator social, a vivência da velhice, de forma negativa. Isto se deve ao fato dos indivíduos que estão vivendo a velhice possuírem mais experiência e conhecimento simbólico no campo de trabalho, o que os tornaria um empecilho, implicando em mais concorrência no mercado, mas vendo a partir da ótica do ancião é algo que traduziria sua autonomia e autossuficiência. Sendo o idoso, qualquer indivíduo com idade igual ou superior a 60 anos, segundo o ESTATUTO DO IDOSO (2003).

A versão atrasada e negativa da sociedade para essa categoria é visível, de forma que os mesmos não são mais considerados como membros sociais e, em decorrência disso, são vistos de forma isolada. Com isso há uma decorrente falta de qualidade de vida sociocultural adequada e, conseqüentemente, a eles não é atribuído valor humano algum. Como aponta OLIVEIRA (1999), não é positiva a condição social do ancião, pois além de não serem providas condições mínimas de sobrevivência, eles ainda são alvos de injurias e preconceitos. Por mais que eles tentem comprovar sua importância social, no decorrer do tempo não alcançam seus direitos a uma qualidade de vida satisfatória. Com isso, tem se atribuído vários significados a palavra “idoso”, tanto positivos quanto negativos, pois na contemporaneidade o idoso tem sido considerado apenas um mero coadjuvante em nossas vidas.

Segundo DEBERT (2012), o termo “velho” tem diferentes abordagens, pode ser entendido como decadente, frustrado, vulnerável, algo que não é mais útil, todo esse julgamento passa a ideia de oposição entre velho/antiquado/inútil e jovem/inovador/útil. Já a palavra “idoso” recebe um significado menos nocivo, referindo-se apenas a um indivíduo que possui anos de vivência. Logo, fica nítido que a própria definição da velhice é algo incompleto, porque não engloba todas as esferas que o idoso como sujeito social vive, não leva em consideração a formação e a construção dessa nova identidade cultural a qual o idoso tem que se adaptar. Já que a identidade é algo que se transforma a cada instante e que uma busca contínua desta, na tentativa de idealizar uma característica própria, mesmo sendo algo instável e mutável, não é algo acabado.

A identidade se modifica com o passar do tempo e de acordo com o contexto na qual está inserida, do contato com o outro, assim sempre existe essa busca incessante de identidade para edificar uma história que nos difere uns dos outros HALL (2006). Nesse caso, a fase que inicia o ingresso do ancião na terceira idade é um exemplo de identidade, uma vez que, modificou-se com o decorrer do tempo desde sua juventude até sua vida adulta e atualmente a

fase da velhice, ele muda de alguém “ativo” a “inativo”, e mesmo chegando nesta fase da vida sua identidade terá uma contínua mudança. Conforme afirmam SANTOS e VAZ (2008), a identidade de um idoso é desenvolvida através de sua vivência, sendo sua aposentadoria o avesso do conceito social de vida produtiva, que marca seu início no mundo capitalista. O indivíduo perde o anseio de cultivar atividades de diversão e cultura, tornando-se sujeito dependente de auxílio do governo (aposentado) entra em choque com sua identidade como cidadão, assim perde sua identidade com a produção capitalista e, assim, entra em discussão sua relação de improdutivo, de dependente da sociedade mais ampla.

De certo modo, muitos desses sujeitos não estão preparados para toda essa modificação em suas vidas, e até mesmo a comunidade social em que vivem não está estruturada para esses cidadãos “improdutivos”. Com isso, em um isolamento sociocultural, o idoso se afasta do convívio em sociedade e concomitantemente se torna ocioso, alcunha que lhe atribuem pelo seu afastamento cultural. E como consequência de toda essa modificação identitária o idoso acaba não se relacionando com o meio social e não produzindo “cultura”. Segundo MARCONI e PRESSOTTO (2011), ele gera características próprias que lhes são impostas pela sociedade e pelo meio em que vive, originando-se sua concepção cultural, pois o indivíduo, a sociedade e o ambiente constroem e edificam sua vida cultural e assim acabam excluindo de forma involuntária a esse isolamento forçado que atinge até o emocional. Assim, o idoso acaba tornando-se um ser sem vontade de produzir ou viver, vindo a ser apenas uma marionete conduzida por fios reforçados de preconceitos sociais, tornando-se um ser descartável. Por não exercer nenhuma função lucrativa, acaba vivendo em uma redoma que o afasta da realidade e o conduz a um espaço de esquecimento, de solidão, onde fica apenas esperando o momento final do seu ciclo vital. Toda uma história de construção, de participação social, cultural, econômica, política, amorosa e familiar não pode ser destruída pelo fato de uma pessoa tornar-se idosa. Pelo contrário, a velhice deve ser encarada como uma fase natural da vida, uma continuidade, assim é necessário estabelecer o fim desse retiro forçado.

Assim conseqüentemente muitos indivíduos começam uma “nova vida cultural”, saindo de sua zona de conforto/segurança/improdutividade, através de algo que a própria sociedade excludente/incluyente lhe oferece, que são as atividades culturais propostas para essa faixa etária, os Bailes para a terceira idade. Nesses centros culturais que são os bailes e os bailões, o ancião tenta formar seu espaço tornando-se sujeito de sua própria história e de suas representações sociais, como comenta MAFFESOLI (apud SEGÓVIA; GUSHIKEN, 2012) estes contextos possuem 6 algumas oportunidades para proporcionar prazer para suas vidas,

de uma sensação prazerosa momentânea. Essas atividades culturais são propostas para fazer uma integração social e cultural dos indivíduos que se recolhem em seus domicílios e não possuem vida ativa produtiva, como mencionado anteriormente.

Contudo esses núcleos de convívio que são citados por VERAS e CAMARGO JR (1995) são tidos como algo para afastar o isolamento, de se inserir no convívio social, e favorecer as descobertas de novas habilidades. Pois nesses núcleos eles criam rotinas satisfatórias para que os idosos não se sintam excluídos, fazendo com que não fiquem solitários e com enfermidades não apenas físicas, mas emocionais. Portanto, as ações culturais são ferramentas que lhes proporcionam o retorno ao convívio social, o aumento da autoestima e conseqüentemente a melhoria da qualidade de vida desses atores sociais, tornando-os ativos novamente. Uma dessas ferramentas é o baile da Terceira Idade, considerada uma atividade cultural que possui um espaço de sociabilidade e de diálogo social entre os idosos, que possibilitaria a reformulação de sua identidade, passando de fracos e ociosos, a ativos e fortes de caráter.

Como ressalta DEBERT (2012), os programas da terceira idade criam ambientes em que essa experiência de criatividade, autonomia e liberdade, que cada um reconhece como possível, possa ser vivida coletivamente. A cada encontro a coletividade mobiliza, reitera, o que considera serem “scripts” da velhice no passado, pondo em ação práticas tidas como inusitadas e que têm garantia pública de que é possível e saudável envelhecer sem se confinar aos padrões antigos. Por fim, o Baile da Terceira Idade Grupo da Melhor Idade conviver com Alegria, que acontece na cidade de Jaguarão, todas as quartas na Associação Beneficente Tiradentes é um projeto realizado em parceria com a Prefeitura Municipal e a Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos de Jaguarão, recebe a presença de aproximadamente 120 participantes idosos. Já que essa população tem aumentado, essas atividades culturais têm seu devido valor. Pois, conforme dados do IBGE de 2010, a população velha com a decorrência dos anos tem crescido, sendo 11,09 % a população senil de Jaguarão.

3. DISCUSSÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Nosso estudo centra-se na narrativa de três idosos participantes do Baile da Terceira Idade de Jaguarão. Considerando que tais narrativas, podem vislumbrar sujeitos ativos que vivem em sociedade deixando de lado os estereótipos impostos por esta, sendo pertencentes a um grupo social que se envolvem em atividades culturais que complementam sua rotina e ampliam sua visão de mundo a partir de uma nova relação com seus microcosmos sociais. Desta forma, o Baile passa a ser uma atividade cultural que resignifica e dá novos sentidos a

vida social e cultural dos denominados “idosos”. Assim, optamos para este estudo qualitativo, utilizar o método etnográfico para a realização deste projeto, que se refere a uma observação contínua e por uma interação entre observador e o grupo social, destacando os aspectos culturais que possuem esses indivíduos. A partir desta abordagem etnometodológica buscamos a compreensão de mundo e as representações dos idosos escolhidos para nosso estudo acerca de uma atividade cultural local que apresenta uma reflexão mais ampla da relação da experiência do envelhecer com a cultura. Para MOREIRA e CALEFFE (2006), a etnografia é um método e um ponto de partida, é a interação entre o pesquisador e os seus objetos de estudos. Na sua origem, o objetivo principal dos pesquisadores que realizam pesquisa etnográfica era principalmente o compartilhar experiências dos indivíduos, estudando-os da forma mais natural possível a fim de compreender melhor como as pessoas viviam e davam sentido a seu mundo. Neste sentido, a etnografia voltava-se, prioritariamente, para a descrição e interpretação dos valores, das crenças, das ações e todos os eventos que envolvem a vida dos sujeitos pesquisados. Contudo a entrevista é qualitativa semi-estruturada com aplicação de questionário aberto, para assim poder obter um esclarecimento, Segundo MINAYO (2004), a pesquisa qualitativa possui uma metodologia capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às reações, e às estruturas sociais, sendo estas últimas tomadas tanto no seu advento, quanto na sua transformação, como construções humanas significativas. Esse método trabalha com “o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Utilizarei algumas categorias de análise como os relatos de vida, o envelhecer negativo/ positivo, a importância do baile e motivação. Os questionários foram realizados com três idosos participantes da atividade cultural que acontece uma vez por semana e um assistente social que é responsável por essa ação cultural, a entrevista fez com que eles tivessem oportunidade de descrever suas posições e conteúdos com a participação e relatar talvez uma mudança de vivência social. A pesquisa de campo foi realizada em dois meses, com coleta de dados, na parte da tarde, e durante suas atividades culturais para assim possuir mais interação e um diálogo com o grupo.

4. DISCUSSÃO

O baile Melhor Idade Conviver com Alegria, acontece em Jaguarão, cidade fronteira localizada no extremo sul do Brasil, com aproximadamente 27 mil habitantes. A atividade cultural, o baile, iniciou suas atividades no ano de 2009, sendo criado para atender ao público

da terceira idade, pois antes desta data não havia uma atenção por parte do poder público voltado para esse grupo social, essa atividade tem início as 14:00 até as 16:30 gratuita para seus participantes. Atualmente está sediada na Sociedade Beneficente Tiradentes, endereço na Rua Julio de Castilho 2335 - Bairro Kennedy, o baile não possui um espaço próprio, já aconteceu em vários outros locais da cidade.

Figura 1: Sociedade Beneficente Tiradentes. Local onde é realizado o baile.



Fonte: Cintia Pacheco Terra Pereira, 2015.

Essa pratica cultural proporcionou um espaço para os indivíduos da terceira idade no município de Jaguarão interagirem entre si e retornarem à ação ativa da sociedade.

4.1. Relatos biográficos

Conforme citado, alguns de nossos informantes relatam suas histórias de vida. B.M.C.M. tem 76 anos nasceu na zona rural do município de Arroio Grande, onde residiam seus familiares. Casou-se com 17 anos, quando foi morar na quinta zona deste mesmo município, onde seu esposo trabalhou como capataz de uma estância por alguns anos. Veio residir na cidade de Jaguarão após o falecimento de seu marido, com quem teve 09 filhos. Atualmente mora sozinha, embora um de seus filhos resida em uma casa nos fundos de sua residência, desenvolve uma relação totalmente independente dele. B.M.C.M. relata os empecilhos da vida na zona rural, pois o deslocamento para a cidade dificultava a busca pela assistência médica e as compras no mercado.

Conta que um de seus filhos faleceu com três meses de vida, em decorrência da falta de atendimento clínico. Com o nascimento de seu filho mais velho, B.M. desenvolveu anemia e ficou muito doente, pelo motivo de, segundo ela, possuir muitos filhos. Em certa altura de sua vida ficou três meses sem caminhar e os doutores a desenganaram, durante este período seus filhos ficaram sob os cuidados de sua mãe. Quando esta ficou acamada, sua família veio morar em Jaguarão, mas não havia ninguém quem pudesse cuidar dela.

Consequentemente B.M. ficou ao lado de sua mãe até os seus últimos dias, e logo fez o mesmo procedimento com seu pai que veio a falecer cinco anos após sua mãe. B.M.C.M. teve sete irmãos, dos quais hoje vivem apenas quatro. De acordo com o relato de B.M., sua vida sempre girou em torno do trabalho. Suas profissões eram tanto de diarista, em várias casas de família, quanto de babá, atividade na qual ressalta que foi mãe de muitos, pois os criou desde que nasceram. B.M. sofre de câncer na tireoide, pois relata que trabalhava muito e esquecia-se de cuidar de si mesma. Em decorrência da doença, ela faz quimioterapia e iodo terapia na cidade de Porto Alegre, por isso, afirma ser este o pior ano de sua vida, pois se acha muito debilitada e cansada de tantas viagens, necessárias para fazer seus exames e tratamento.

A informante E.F.B. tem 76 anos, é natural de Jaguarão, mas grande parte de sua família reside na cidade de Pelotas. Viúva, trabalhou muito em aniversários como ajudante, até mesmo em outras cidades. Tem três filhos biológicos e um neto que criou como filho, porque seus pais não possuíam condições de mantê-lo. Este morou com ela até seus 18 anos, em seguida ingressou no Exército, sendo transferido para a cidade do Rio de Janeiro, onde está se formando no final do ano na carreira militar, tornando-se o orgulho de E.F.B. A senhora A.A.P. tem 91 anos, é natural do Uruguai, mas mora na cidade de Jaguarão há alguns anos.

Residiu na zona rural desde criança, onde ajudava seus pais a criar galinhas, porcos entre outros animais. A.A.P. relata que muito trabalhou fazendo canteiros, nos quais plantavam milho e batata para o consumo próprio. Contou que possuía uma casa grande, com fogão a lenha que ao limpá-lo, “tisanava-se toda” (sujava-se com a fuligem liberada pelas brasas do fogão). Seus pais eram rígidos com os afazeres, não a deixavam sair sem que tivessem terminado os afazeres da casa e colocavam de castigo tanto ela quanto seus irmãos, caso não concluíssem suas tarefas. Ao casar-se veio morar na cidade, dona A. descreve que na época a esposa só fazia os afazeres do lar e cuidava dos filhos, não podendo ausentar-se de casa. Apenas quando “enviuvou” passou a sair, divertir-se e realmente viver. Ela mora sozinha, seus familiares sempre vão visitá-la, adora seus netos e bisnetos, uma de suas alegrias é poder conviver com seus familiares. Conta que uma de suas filhas tem um mercado, aonde vai para

ajudar na limpeza. Em seus momentos de lazer, pratica seu tricô e crochê, alguns de seus passatempos. Segundo V.P., a coordenadora da atividade já citada, a vida desses idosos muitas vezes não é simples, pois muitos sofrem com doenças, maus tratos e dificuldades financeiras.

Assim, os mesmos são direcionados para a CRAS (Centro de Assistência Social) e, se necessário, para um acompanhamento psicológico para receberem amparo de um especialista. Aqueles que sofrem de problemas de saúde são encaminhados para a Secretária de Saúde ou para uma Unidade Básica de Saúde mais próxima, para o devido atendimento médico. V.P. relata que muitas vezes chegam até ela indivíduos informando o problema de algum idoso que necessita de ajuda. Então, os responsáveis do CRAS vão ao encontro destes 11 idosos, conversam com a família, os ajudam no que for necessário e os encaminham para as atividades que o Centro de Assistência possui, como artesanato, crochê, tricô, movimento corporal, etc. Dentre as atividades, o baile é a mais procurada.

Há casos em que os idosos vão à procura do baile e são automaticamente encaminhados para o Centro de Recreação e Assistência Social para que sejam cadastrados. E, se possuir mais de 60 anos, é confeccionada uma carteira de identificação. V.P. ressalta que o perfil socioeconômico de quem é cadastrado é razoável, pois quem não é aposentado e possui 65 anos ou mais, tem a possibilidade de receber um benefício assistencial de um salário mínimo, para ajuda de sua própria sobrevivência. Atualmente existem dois centros de assistência social na cidade de Jaguarão, localizados no Bairro Germano e no Bairro Pindorama, sendo uma de suas prioridades o trabalho com os idosos.

4.2. A experiência do envelhecer

“Tinha medo de ficar velha, meu pai e mãe morreram cedo, e eu achava que ia morrer quando chegasse a idade deles...” B.M.C.M (2015)

Observamos nos relatos da maioria de nossos informantes a questão complexa sobre o envelhecer, ou seja, da experiência subjetiva da dimensão existencial do envelhecer para cada um dos sujeitos entrevistados. B.M.C.M fala do envelhecer em tom temeroso, uma vez que está doente. Seu medo é ficar em cima de uma cama necessitando de ajuda de outras pessoas e sofrendo com dores. Mesmo enfrentando estes medos, considera o envelhecer como algo positivo. Possui muitas amigas, tanto mais jovens quanto de sua faixa etária e agradece a Deus por ter chegado à idade que está, porque muitos jovens não chegam à terceira idade, morrem novos. Após muita conversa, B.M. admite que seu sentimento de alcançar a velhice era de medo. Por seus pais terem morrido precocemente, B.M. acreditava que também

morreria quando atingisse a idade dos mesmos. Atualmente mora sozinha não depende de ninguém para com seus afazeres, e vive como pode. Assim como ressalta VELOZ; SCHULZE; CAMARGO. (1999), é vantagem de poucos chegar a velhice. No relato de E.F.B. o envelhecer é algo positivo, destaca não ter do que queixar-se, não se sentindo no direito de se achar infeliz. Ao contrário de pessoas que conhece que estão sempre notando sinais de expressão que surgem com o tempo e se sentem perturbadas com o envelhecimento, E.F.B. admite que não se preocupa com isso e nunca teve medo de chegar à velhice ou de morrer. Não tem problema nenhum em dizer sua idade, mora sozinha, realiza seus afazeres sem depender de ninguém, e relata estar feliz com a idade que está, com saúde e lucidez. Viaja e realiza sua rotina sem necessitar de auxílio. Segundo Dona A. o envelhecer representa um ciclo, uma mudança de estágio natural da vida. Ela afirma que “tem que haver essa mudança para diferenciar os tempos”. Destaca também que quando as pessoas chegam à velhice não tem tanto entusiasmo como outrora, sendo necessária a assistência de seus familiares. Mas ela ressalta ser um exemplo, pois afirma com bastante ênfase não ser assim, já que ela não carece de ajuda. Nunca sentiu medo de chegar a essa fase, sempre teve os pés no chão, passou-se os anos, mas nunca se preocupou com isso, simplesmente deixou a idade chegar.

Como comenta MAFFESOLI (apud SEGÓVIA; GUSHIKEN, 2012) a fase da velhice deve ser enfrentada como algo normal, prosseguindo uma nova vida cultural, e assim aproveitando os prazeres do momento. Na visão da Assistente Social V.P. o “envelhecer tem um antes e depois”, uma consequência da vida, afirma ser uma lição de vida conviver com pessoas nessa faixa etária, uma vez que passam por limitações e resistem, mostram-se um exemplo a ser seguido. O trabalho com os idosos é algo que lhe possibilita uma injeção de ânimo, relata aprender muito lidando com eles. V.P. relata que muitas vezes está abatida e cansada, sendo logo questionada sobre o porquê de estar assim, mas ao ver os rostos e a animação de cada um, nem possui coragem de queixar-se. V. ressalta a autoestima que os idosos possuem, eles andam sempre bem arrumados, e com sorriso no rosto.

Figura 2: Nesta imagem observa-se o cuidado que as informantes dedicam às suas unhas. Cuidado que denota a autoestima das mesmas.



Fonte: Cintia Pacheco Terra Pereira, 2015

4.3. Motivação: importância do baile

O baile é tudo em minha vida é alegria, ele faz com que me movimente, nunca fico parada, um exercício para cabeça e corpo”. A.A.P(2015) Conforme observamos no relato citado acima, nossos informantes declaram a importância desta atividade em sua rotina. Notamos a grande estima que a maioria de nossos entrevistados possui com relação à atividade cultural, tendo como motivação sair da rotina e obter momentos felizes e continuar a existência.

Como afirma B.M.C.M., gosta de participar do baile, visto que adora música, mesmo que não dance, frequenta o baile para poder conversar e rir com suas amigas. Relata “ser muito bom para cabeça, para tudo e me diverte muito”. O baile a desestressa e lhe proporciona tranquilidade e a faz esquecer de seus problemas. Sempre gostou de dançar, quando mais jovem dançava com seu pai em aniversários. Não se considera uma velha “chata”. Conta que frequenta o baile Conviver com Alegria há 14 uns quatro anos, desde quando se situava do lado do Banco Bradesco.

Durante este tempo, não frequentou o baile somente quando estava acamada ou viajando para fazer exames médicos. Para B.M. o baile está ainda melhor, pois mais pessoas frequentam essa atividade, a participação a faz sair de sua rotina e esquecer-se de seus problemas de saúde. Para E.B. o baile representa tudo. Adora o grupo se diz apaixonada pela

atividade onde se diverte, brinca e dá muita risada com os outros participantes, configurando-se como algo essencial em sua vida. E.B. conta que é muito difícil não comparecer, quando isso ocorre, é apenas por motivo de força maior.

Comenta que no dia de baile não marca compromisso. Relata que certa vez não pôde comparecer ao baile por ter viajado no dia em que acontecia a atividade cultural, em decorrência disso ficou muito nervosa e pensativa, sempre olhando no relógio e pensando que naquele instante a atividade já tinha começado. Diante disso E.B. indagava-se sobre como o baile estaria. Em suas palavras: E minha filha disse oh mãe vou te internar, eu dava risada e falei que não vai chegar a esse ponto, sem nada para fazer eu só pensava que o baile estava acontecendo, e ficava pensando o que será que está tocando. O único motivo de não comparecer ao baile é de estar chovendo forte, muitas vezes divide um táxi com suas vizinhas que participam também. E.B. relata comparecer ao baile há uns três anos, por gostar de dançar e afirma que é o que mais gosta em sua vida. Ela e seu esposo sempre estavam em bailes, depois de ficar viúva permaneceu três anos sem sair de casa, e sua filha ficava preocupada com sua atitude, e a incentivava a sair e ir a atividades.

Ela relata que sua resposta era sempre negativa, não se sentia confortável, pois era algo recente, até o momento em que sua vizinha a convidou para ir visitar um baile do Tiradentes. Diante da insistência de sua filha, E.B. foi apenas observar e se “encantou” com o que tinha visto. Logo a cadastraram, recebendo o cartão de participante e não faltou mais. O baile para A.A.P. é tudo em sua vida, representa alegria, e a atividade cultural faz com que ela se movimente, não houve baile que ela não tivesse participado. Depois de viúva andava de baile em baile, sempre com as amigas de infância e vizinhas. Sua motivação de participar do baile é que assim não sobra tempo de ter pensamentos negativos.

Todas as quartas ela frequenta assiduamente e, quando está chovendo, seus familiares a levam até o local dessa atividade, e a buscam no término. Atividade incentivada por seus familiares, pois veem que A.A.P. fica feliz e muito alegre. Ela tem muita saúde e não deixa se abater por qualquer problema que venha se apresentar, participa desta atividade desde sua fundação sendo a mais antiga componente desta atividade cultural, sendo conhecida e muito querida por todos.

Figuras 3 e 4: Idosas dançando no baile. Visão geral do baile.



Fonte: Cintia Pacheco Terra Pereira, 2015.

Segundo VERAS E CAMARGO JR. (1995), essas atividades culturais possuem um vínculo com a sociedade, os retirando do isolamento e os proporcionando o regresso ao convívio social. Conforme a Assistente Social V.F.A.P., responsável pela atividade Cultural, o baile é vinculado ao CRAS sendo um programa da Secretaria de Desenvolvimento Social e Habitação, existe há 25 anos, mas há apenas cinco anos é ligado ao CRAS. Embora haja 200 idosos cadastrados, nem todos frequentam a atividade, frequentada por aproximadamente 160 idosos cadastrados. O trabalho realizado com esses idosos tem por objetivo assegurar um espaço de encontro para os idosos e de promover a convivência familiar e comunitária, contribuindo para o processo de envelhecimento ativo, saudável e autônomo. V.F.A.P. ressalta que o baile é de grande importância para os idosos, representando um incentivo a mais para continuar vivendo.

Por ser uma atividade voltada para a terceira idade, só participa do baile quem tem a idade mínima de 60 anos. Porém, há casos de exceção, por exemplo, se o marido tem mais de 60 e a 16 companheira tem aproximadamente 50, a frequência é liberada, mas sem realizar o cadastro. Isto só ocorrerá quando o frequentador atingir a idade mínima atingida, 60 anos. V.F. comenta que há concorrência no baile de quem dança com quem, por possuir maior número de mulheres, elas dançam entre elas. Cita ainda o caso em que uma esposa dança muito pouco, pois fez uma cirurgia na coluna e não pode movimentar-se muito, mas ela deixa seu esposo dançar com as outras participantes.

Segundo V.F.A.P., a motivação dos idosos participarem da atividade cultural é de possuírem um pouco de autonomia em suas vidas, fazendo com que se sintam mais vivos. V.F. relata casos de pessoas que estavam em depressão profunda que, ao frequentar o baile, apresentaram melhoras. V. F. conta que certo dia chegou um rapaz parou na porta do

Tiradentes, o que fez com que os responsáveis da atividade fossem ao seu encontro, pois o baile é destinado apenas para idosos. Ao ser indagado sobre sua presença, o rapaz respondeu que em seu carro estava sua mãe em profunda depressão, ao perguntar se poderia descê-la, de imediato recebeu uma resposta positiva. Neste dia a senhora participou do baile, e até hoje ela frequenta a atividade, sempre muito produzida e maquiada.

E existem casos também de câncer, quando pega, “nossa!”, tem três senhoras que dizem que vão para o baile para se distrair, porque até mesmo já estão no fim da vida, porque é algo que é a única coisa que é certa, e vem uma doença dessas, e aí vão ao baile dizendo, não vamos nos abater. No seu relato, V.F. ressalta que procurasse trabalhar muito com a autoestima dos participantes, para que os mesmos que sofrem com doenças ou problemas de rotina, não se abatam. E o baile faz com eles possam esquecer um pouco de suas dificuldades e realmente deixem tudo do lado de fora do Tiradentes e vivam momentos alegres com o grupo. Quando chegam novos participantes, os coordenadores do grupo procuram deixá-los à vontade, mas no decorrer de sua participação quando notam que não estão muito adaptados, vão conversar e tentar fazer com que eles se sintam bem no convívio com o grupo. E segundo V.F.A.P. é muito raro alguém ir ao baile e não dançar e se divertir: “há história do antes do baile e depois do baile”. Assim, acredita-se que essa atividade, que já acontece há 25 anos e vê seu número de participantes aumentar, é um incentivo à vida. 17 Além do baile, o CRAS possui outras atividades como crochê, tricô, artesanato, dança, movimento corporal, oficinas de decoração de unhas, pintura em tecido, entre outros. V.P. ressalta a dificuldade por não conseguir fazer com que todos participem dessas atividades, com isso o trabalho é feito mais com idosos. Além disso, o principal interesse dos idosos é o baile, o que faz com que estas outras atividades recebam um número de participantes muito pequeno. Os componentes afirmam que o baile é a melhor parte de tudo.

Figura 5: Idosas participando de outras atividades. Neste caso, a pintura em tecido.



Fonte: foto cedida pela assistente social.

V.F.A.P. destaca que além dessas atividades, o grupo da coordenação dos idosos lhes proporciona viagens a outras cidades para outros bailes da terceira idade. Como somente um ônibus é disponibilizado, é necessário realizar um sorteio entre eles, o mesmo ocorre quando se trata de viagens para visitar museus e outros lugares, o que faz com que nem todos participem. Quando é época de viagem, sempre aparecem idosos para cadastrar-se para poder viajar, e assim o grupo vai aumentando. V.F.A.P. ressalta que é uma estratégia de chegar até eles, conseguir com que se aproximem, continuem participando das atividades e com isso faz com que as pessoas que trabalham no CRAS fiquem sabendo e conhecendo esses indivíduos, que antes não se tinha contato. Outra atividade é realizada com o grupo Conviver com alegria é o jantar dançante, com objetivo de muitas vezes sair da rotina de só participar as quartas, atividade muito aceita por eles. Notou-se que onde tem música e dança está a alegria. A assistente Social conta a história de um casal que mora na zona rural, ele trabalha de ronda em uma estância e ela cuida dos afazeres da casa, que todas as quartas vêm para a cidade exclusivamente para o baile, dançam todas as músicas. V.F.A.P. relata que em uma ocasião eles foram sorteados para participar de uma das viagens, e sua companheira tinha a preocupação de como iriam se ele trabalhava à noite, e ele respondeu que “iria de virada sem dormir”. Segundo a assistente social, nessa narrativa, nota-se “a importância do convívio social e cultural que os participantes da Atividade cultural o “baile” possuem”.

5. RELATOS DE EXPERIÊNCIA DO PESQUISADOR

Através desta pesquisa, pôde-se compreender a visão do envelhecer para os entrevistados, a maioria entende como um período normal da vida, em que todos conseqüentemente passarão por modificações “tanto do corpo quanto da mente” conforme afirma A.A.P. A atividade cultural do baile os ajudam a passar por essas mudanças sem preocupação, e os faz pensar em momentos melhores, nem que seja somente no período em que estão praticando essa atividade, com o sentimento de estar livre de problemas do cotidiano.

No relato da coordenadora do CRAS notou-se a importância da ação do centro de Recreação da Assistência Social, na atividade cultural, pois há um grande incentivo por parte dos responsáveis. Na falta de algum integrante, eles realizam visitas, não os deixando sem amparo, e os incentivando a retornar suas atividades, demonstrando sua importância para com o grupo. E ao frequentar o baile comprovamos que a atividade cultural, é um vetor de sociabilidade e de resgate e interação, proporciona a qualidade de vida dos sujeitos em processo de construção na terceira idade, nova fase da vida que muitos têm dificuldades de se adaptação. Algo que pude notar na que atraiu minha atenção foi a diferença entre expressão faciais de um dos informantes durante as entrevistas em diferentes momentos: no baile e em sua residência. No baile relatou estar com a saúde debilitada, mas era como se isso não representasse muita importância, notava-se uma alegria. Comentou estar passando por dificuldade, mas sua fisionomia não era de doente. Em outro contexto seu lar, já notava o abatimento em seu rosto, nos respondeu as indagações sobre a atividade, mas já não apresentava em seu rosto a mesma alegria presente durante a participação do baile.

A partir disso, acredita-se o baile em si, transforma as vidas dos integrantes, fazendo com que seus problemas se tornem algo passageiro, e sem grande importância. As dificuldades são deixadas de lado de fora da porta, fazendo com que os idosos vivam o momento com muita alegria e vontade de viver.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho de campo, pode-se notar que este grupo social os idosos não estão desamparados ou carregados por uma visão negativa e estigmatizante, algo que antes dessa experiência etnográfica parecia ser essa uma visão preconcebida, de percebe-los como um grupo anônimo na sociedade, sem atividade alguma voltada para esse público, mesmo havendo somente 25 anos de atividade, observase a estima dos coordenadores por seus participantes e dos próprios idosos bailantes, atores deste processo, que nos possibilitaram

através de suas narrativas um resignificar desta visão mais negativa do envelhecer. E eu como futura produtora cultural acredito que um produtor cultural deve estar inserido em todos segmentos sociais, voltados para todos os públicos, mesmo que esses não possuam uma grande visibilidade para a sociedade.

Observou-se neste trabalho etnográfico que esta atividade Cultural o baile, teve um grande valor na qualidade de vida dos indivíduos os “idosos” que frequentaram essa atividade. Podemos mencionar a relação com a família e com a própria saúde psicológica, na autoestima. Reflexo disso foi o enfrentamento deste grupo, dos entrevistados, com esta nova etapa de vida, numa sociedade de consumo que não tolera o corpo envelhecido. Eles próprios encontraram nesta atividade cultural uma forma de resistência e de resignificar a experiência do envelhecer.

Assim como relata A.A.P: “Quando mais nova, papai e mamãe não nos deixava sair sem ter terminado nossas obrigações, e tinha que estar bem feitinho, se não, não saia de casa, quando casei continuei 20 sem poder sair tinha que cuidar dos filhos e da casa, depois fiquei viúva com os filhos já criados, fui me divertir e nunca mais parei” A.A.P(2015) Portanto um produtor cultural deve ter em vista esses grupos sociais e estar disposto a ajudá-los através de ferramentas da produção cultural enfrentar essa mudança, sem que tenham que sofrer as marcas estigmatizantes de “inválidos”, impostos por uma sociedade de consumo e desumanizada.

O curso de Produção e Política Cultural nos proporcionou uma visão polissêmica acerca da cultura, e nos instruiu a obtermos respeito as diferenças que nelas existem. Com isso, o curso através de uma perspectiva mais abrangente, com uma concepção cultural se trata de processos sociais de significados e de autonomia social dentro de uma visão ético-estética, sempre tendo a olhar de que as atividades culturais devem ser voltadas para todos, sem ser o direito de poucos indivíduos que compõem a sociedade, não deixando nenhum segmento isolado, como exemplo os idosos. Com isso, ao não deixar nenhum grupo desamparado, não tratamos os idosos como pessoas que já está no fim da vida e que não são merecedores de atividades voltadas para os mesmos. Pois esses idosos ainda são produtores de cultura e são de grande importância para a sociedade, pois pagam seus impostos como qualquer outro cidadão.

Por fim, reafirmo que este trabalho foi de grande valia, pois, a partir dele pôde-se notar a importância de uma atividade cultural no contexto de vida de um sujeito social, que enfrenta dificuldade para com a própria sobrevivência nessa sua nova fase de vida que é a Terceira Idade, que ainda, em nossa sociedade é concebida como estágio final da vida.

Contudo o baile os rejuvenesce, os faz sentir-se vivos e prontos para o próximo dia que está por vir, e não ficando circunscrito somente a este grupo social, chega-se à conclusão que uma atividade cultural independente de qual for, tem o poder de mudar um contexto.

No caso o baile, o objeto de nosso estudo, como comenta um de nossos informantes V.F.A.P tem "histórias do antes e depois da participação" na atividade, nessa narrativa nota-se o quão importante é uma ação desse âmbito na vida de um indivíduo. "Chegam nessa idade com tanto problema, mas com tanta disposição eles tiram força não sei de onde, no baile não ouvimos reclamações eles são positivos, algo que te toca, então a grande lição que a gente leva de isso tudo é a força deles a vontade de viver passar pelos os obstáculos e pelos problemas da idade." V.F.A.P.(2015)

Referências

BRASIL. *Ministério da Saúde. Estatuto do Idoso / Ministério da Saúde.* – 1.ed., 2.^a reimp. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

DEBERT, Grita Grin. *A reinvenção da velhice*- 1 ed. 2º reimp. São Paulo, Fapesp, 2012.
HALL, Stuart. *Identidade cultural na Pós Modernidade.* RJ, DPA&A, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Disponível em:<http://populacao.net.br/populacaojaguaraotodosossetores_jaguarao_rs.html Dados do IBGE 2010.Acesso em: 10/05/2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, disponível em:<<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoaidosa/dadosestatisticos/DadosobreoenvelhecimentoBrasil.pdf>> .Acesso em 28/11/2015.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. *Antropologia: Uma Introdução.* São Paulo: Atlas, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.* In TURATO; Egberto Ribeiro.Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa; Rev. Saúde Pública vol.39 no.3 São Paulo Junho 2005

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.* In: SILVA, Maria Oneide Lino; OLIVEIRA, Sandra Suely; PEREIRA, Vanderléa Andrade; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa, Etnografia e pesquisa qualitativa: apontamentos sobre um caminho metodológico de investigação. In: VI Encontro De Pesquisa Em Educação Da UFPI, 2010.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. *Terceira Idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis.* In OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; SCORTEGAGNA, Paola Andressa, Idoso: Um novo ator social;1999in: Seminário de pesquisa de em educação da região sul IX ANPED, Caxias do sul. Anais Caxias do sul:

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.p. 200-212.

SEGÓVIA, Juliana; GUSHIKEN Yuji, *Bailões da Terceira Idade: Espaços de consumo musical e sociabilidade na cidade*; intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da comunicação xxxv congresso de ciências da comunicação, 2012.

SANTOS, Geraldine Alves; VAZ, Cícero Emídio. *Grupos da terceira idade, interação e participação social*. Centro Edelsteinde Pesquisas Sociais 2008.

VELOZ, M. C. T; SCHULZE, C. M. N; CAMARGO, B. V. Representações sociais do Envelhecimento. In OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; SCORTEGAGNA, Paola Andressa, *Idoso: Um novo ator social*; in:Seminário de pesquisa de em educação da região sul IX ANPED,2012, Caxias do sul.Anais Caxias do Sul: 2012.

VERAS; R. P, CAMARGO JR, Kenneth Rochel, *Idosos e Universidade*; parceria para a qualidade de vida, in SANTOS, Geraldine Alves; VAZ, Cícero Emídio. *Grupos da terceira idade, interação e participação social*. Centro Edelsteinde.